



CÂMARA MUNICIPAL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

andr

EXMO. SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM – ES

PROJETO DE LEI Nº _____/2018

DENOMINA VIA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM - ES.

Art. 1º- Fica denominado como Rua “LUÍSA MAHIN”, a via local número 20 do Loteamento Liberdade, localizado no bairro Marbrasa, no município de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo.

Art. 2º- Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas às disposições em contrário.

Diogo Pereira Lube

Vereador

Cachoeiro de Itapemirim/ES, 23 de Novembro de 2018

“Feliz a nação cujo Deus é o Senhor”



CÂMARA MUNICIPAL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

JUSTIFICATIVA

Apresento este Projeto de Lei denominando a Rua “ LUÍSA MAHIN” em homenagem a Personagem histórica Luisa Mahin, partícipe da revolta dos Malês. Figura histórica que lutou contra a escravidão. Viva na memória popular como símbolo de combate à sociedade escravista. Mãe biológica de Luiz Gama

Em Rebelião Escrava no Brasil – A história do levante dos Malês de 1835, João José Reis afirma que não há indício que vislumbre a existência de uma mulher com o nome Luiza em quaisquer listas de presos por envolvimento no levante. Embora saliente que é possível ter havido participação feminina na revolta, o historiador desconhece fontes que comprovem tal atuação. Em síntese, destaca: “O personagem Luiza Mahin, então, resulta de um misto de realidade possível, ficção e mito” (REIS, 2003, p. 301-304). Aqueles que asseguram sua existência se baseiam principalmente numa carta redigida por seu filho – carta escrita pelo poeta e abolicionista [Luiz Gama](#) ao amigo Lúcio Mendonça, ou em obras como a escrita por Pedro Calmon - Malês, a insurreição das senzalas. Não se sabe se Luiza nasceu na Costa Mina, na África, ou na Bahia, no Brasil. Pertencia à nação nagô-jeje, da tribo Mahin, daí seu sobrenome, nação originária do Golfo do Benin, noroeste africano que no final do século XVIII foi dominada pelos muçulmanos, vindos do Oriente Médio. Tornou-se livre por volta 1812 comprando sua liberdade e sobreviveu trabalhando como quituteira em Salvador. Segundo seu filho, Luiz Gama, dizia ter sido princesa na África.

Aproveitando-se de sua profissão de quituteira, participou de todas as revoltas escravas que ocorreram em Salvador nas primeiras décadas do século XIX, pois de seu tabuleiro eram distribuídas as mensagens em árabe, através dos meninos que pretendiam com ela compravam seus quitutes. Desse modo, esteve envolvida na Revolta dos Malês em 1835 e na Sabinada em 1837-38.

Segundo Reis, a revolta envolveu cerca de 600 homens, os rebeldes tinham planejado o levante para ocorrer nas primeiras horas da manhã do dia 25, mas foram denunciados. Sendo surpreendidos pela força policial, o grupo foi obrigado a se lançar em combate, e sem o elemento surpresa, o movimento foi derrotado. Ela e outras lideranças conseguiram escapar da perseguição. Luiza partiu para o Rio de Janeiro deixando Luiz Gama (1830-1882), com apenas 5 anos, aos

“Feliz a nação cujo Deus é o Senhor”



CÂMARA MUNICIPAL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

cuidados de seu pai. O menino com dez anos de idade foi vendido ilegalmente como escravo pelo pai jogador para quitar uma dívida de jogo. Seu filho tornou-se poeta e um dos maiores abolicionistas do Brasil.

Luiza como negra livre, da nação nagô, pagã, sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. O destino de Luiza Mahin é apenas sugerido. Há a possibilidade que tenha participado de outros movimentos de insurreição na capital do Império e que dessa vez capturada, sendo detida e deportada para África. Alguns autores acreditam que ela tenha conseguido fugir, indo instalar-se no Maranhão, onde, com a sua influência, desenvolveu-se o chamado tambor de crioula. Em suas notas biográficas, Luiz Gama indica que Luiza Mahin teve mais um filho, cujo destino lhe era ignorado. O próprio Luiz Gama tentou por toda vida ter informações do destino de sua mãe, mas sem sucesso. Seu filho a descreveu da seguinte forma: *"Sou filho natural de negra africana, livre, da nação nagô, de nome Luísa Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa, magra, bonita, a cor de um preto retinto sem lustro, os dentes eram alvíssimos, como a neve. Altiva, generosa, sofrida e vingativa. Era quitandeira e laboriosa."*

Diogo Pereira Lube

Vereador

Cachoeiro de Itapemirim/ES, 23 de Novembro de 2018

"Feliz a nação cujo Deus é o Senhor"